

JNT - FACIT BUSINESS AND TECHNOLOGY JOURNAL ISSN: 2526-4281 - QUALIS B1



**TELEJORNALISMO E HISTÓRIA: A
TELEVISÃO NO TOCANTINS**

**TELEJOURNALISM AND HISTORY:
TELEVISION IN TOCANTINS**

Adriano Nogueira da FONSECA
Universidade Federal do Tocantins UFT
E-mail: adriano.tv@gmail.com

Edna de Mello SILVA
Universidade Federal do Tocantins UFT
E-mail: prof.ednamello@gmail.com



RESUMO

O artigo se propõe a traçar a trilha percorrida da chegada televisão no Brasil, como um dos principais veículos de comunicação de massa, incluindo as primeiras transmissões, a implantação do telejornalismo, formatos, o início da medição de audiência, o processo de industrialização nacional dos televisores, o impacto da ditadura militar. Relembramos conceitos teóricos quanto à história, à influência e ao papel da televisão no ambiente social e cultural. Também abordamos o processo de expansão das emissoras pelo interior do país, com destaque à TV Anhanguera, presente no Tocantins antes mesmo da criação do Estado, além de um panorama das empresas do ramo da comunicação televisiva que, a partir da década de 1990, passaram a investir em produção de conteúdo audiovisual local.

Palavras-chave: Televisão. Comunicação. Telejornalismo. História. Audiovisual.

ABSTRACT

The article proposes to trace the path followed by the arrival of television in Brazil, as one of the main vehicles of mass communication, including the first broadcasts, the implementation of telejournalism, formats, the beginning of audience measurement, the process of national industrialization of televisions, the impact of the military dictatorship. We recall theoretical concepts regarding the history, influence and role of television in the social and cultural environment. We also discuss the process of expansion of broadcasters throughout the country, with an emphasis on TV Anhanguera, present in Tocantins even before the creation of the State, as well as an overview of companies in the field of television communication that, from the 1990s onwards, passed to invest in local audiovisual content production.

Keywords: Television. Communication. Television journalism. History. Audio-visual.

INTRODUÇÃO

A televisão, principalmente no Brasil, levou informação ágil e de graça para um novo público que, segundo Temer (2014), por falta de interesse ou oportunidade, não sabia ler e que por tradição utilizava-se para se informar apenas pelo ouvir, por meio do rádio. Temer (2014) também aponta as intenções de governos que usavam o veículo, com apoio

de empresários, de forma ideológica. A combinação tornou a televisão como atividade de lazer e proximidade, como as novelas – que retratam o dia a dia das pessoas – e a transformou em uma vitrine acessível. Já o telejornalismo permitiu a sociedade ver, sem precisar estar em uma praça pública, o andar da política, da justiça social e da cultura (TEMER, 2014, pp. 27-28).

Com o novo modelo de praça, agora dentro da casa das pessoas, para Temer (2014) as empresas de mídia passaram a definir qual informação veicular, mesmo sabendo que – segundo princípio da ética do jornalismo, tudo o que há de mais importante precisa estar no telejornal. Mas a autora lembra que “as empresas midiáticas, e por extensão o telejornalismo, são movidas por interesses empresariais e ideológicos nem sempre perceptíveis para o grande público, e condicionados pela mediação tecnológica própria da natureza técnica deste veículo” (TEMER, 2014, pp. 27-28).

TELEVISÃO: ASPECTOS TEÓRICOS

Pioneiro nos estudos sobre mídia televisiva, Williams (2016) trata a televisão tanto como tecnologia quanto como uma experiência cultural, resultado da conexão meticulosa entre “práticas produtivas, determinantes tecnológicos e econômicos e a função social da televisão dentro do lar – assim como as estruturas formais dos gêneros televisivos individuais” (2016, p. 8). A obra do escritor galês, originalmente publicada em 1976, promove uma discussão precursora sobre a atuação da televisão na sociedade.

Na análise de Williams (2016), a televisão não é fundamentalmente algo finalizado. Ao contrário, apesar de ser uma pedra preciosa, segue em constante processo de lapidação. O autor enfatiza que a televisão não nasceu da mudança social, mas se torna um agente promovedor da mudança sociocultural. Apesar dos produtos televisivos estarem carregados de valores, novos hábitos e costumes podem forçar uma nova forma de enxergar e formatar uma nova realidade cultural.

Já Machado (2005) afirma que não é possível elencar um conceito simplista para definir o meio que leva informações e entretenimento para as pessoas. “É preciso pensar a televisão como o conjunto dos trabalhos audiovisuais (variados, desiguais, contraditórios) que a constituem, assim como cinema é o conjunto de todos os filmes produzidos e a literatura o conjunto de todas as obras literárias escritas ou oralizadas” (MACHADO, 2005, p. 19).

De forma esquemática, Machado (2005) elenca dois modelos para se referir à televisão: modelo de Adorno e o modelo de McLuhan. O primeiro toma por base a

publicação original de *Quartely of Film, Radio and Television* que ao analisar temas que supostamente poderiam estar ligados à televisão, Adorno os classificava como uma amostragem, declarando que seriam textos de comédia postos à sua disposição. Sem apreço pela televisão, solicitou amostras dos programas. Como não existiam gravações em mídias (videoteipe), a avaliação era feita apenas por roteiros, ou mesmo resumos.

Machado (2005) enfatiza a necessidade de se enxergar o que a ‘televisão’ representa, observando as inúmeras possibilidades disponíveis para aplicação da produção, da distribuição e do consumo de imagens e de sons eletrônicos. Para o autor, é uma cadeia ampla, estendendo-se desde o que acontece em grandes comerciais, estatais e intermediárias, independentemente se nacionais ou estrangeiras, públicas ou privadas, até o que ocorre em emissoras locais menores ou produtoras independentes. “Para falar de televisão, é preciso definir o corpus, ou seja, o conjunto de experiências que definem o que chamamos de televisão” (MACHADO, 2005, p. 20).

Vale lembrar que Williams (2016) diz que a própria existência da televisão é fruto de uma necessidade, necessidade essa que se altera de acordo com o tempo em uma cultura, já que “a televisão, como qualquer outra tecnologia, torna-se disponível como um elemento ou meio em um processo de mudança que já está ocorrendo ou está prestes a ocorrer” (WILLIAMS, 2016, p. 26). O estudioso dividiu o conteúdo do que era transmitido em notícias, debates, eventos esportivos, além dos anúncios e filmes, assuntos culturais, aliados a códigos tecnológicos que norteiam a televisão. Temas, abordados de diferentes modos, que promovem a reflexão dos espectadores e a construção de diversas linguagens.

A REGIONALIZAÇÃO DA TELEVISÃO

No Brasil o processo de expansão de emissoras retransmissoras e afiliadas pelo interior começou em 1960 logo após a chegada do videoteipe e, conseqüentemente, da mudança de tecnologia da comunicação. Isso possibilitou, conforme Peruzzo (2005), a formação de emissoras em rede e a nacionalização das transmissões – em cadeia nacional – pela televisão – gerando o sinal a partir das metrópoles. Peruzzo (2005) destaca a centralização da produção de notícias, a partir dos grandes centros, como uma estratégia que cresceu com a política de ‘integração nacional’, herança da ditadura militar, se desenvolvendo a contar da ampliação das telecomunicações e das mídias digitais (PERUZZO, 2005)

Peruzzo (2005) chama a atenção para um detalhe importante. A produção local e regional se manteve presente nos meios de comunicação da época (televisão, rádio,

jornais), mas de maneira tímida. “A televisão reserva espaço para a produção de programas locais, embora ele seja muito pequeno em relação ao número de horas que ela fica no ar, além de ser /destinado, majoritariamente, a noticiários” (PERUZZO, 2005, p. 71).

Ao estudar sobre o avanço da televisão pelo interior do País, Gonçalves (2020) ressalta a importância da regionalização acreditando-se ser a mola propulsora capaz de traçar caminhos que irão revelar rincões esquecidos, ou até mesmo inexplorados ao descobrir e entender as características, os desafios enfrentados e os anseios de uma comunidade que vive distante de centros maiores, mas que quer se manter informada do que acontece ao redor. “Com essa tendência de manter suas raízes, surge no cidadão, entre outras, a necessidade e demanda por informações, trabalhos, notícias, entretenimento, etc que estejam diretamente próximos de sua realidade e de seus interesses” (GONÇALVES, 2020, p. 21).

Nesse caminho, Meneses (2010) acrescenta que a televisão, em perene mudança, a partir da evolução tecnológica, também se apresenta como instrumento democrático e de transformação de outros meios de comunicação, no que se refere à produção e apresentação de notícia, chegando, inclusive, aos valores e hábitos culturais, provocando uma nova categoria de televisão, cada vez mais perto das pessoas. “A televisão regional é um território de relações sociais cotidianas marcadas no discurso e na organização televisiva, onde pode observar ou não as demarcações do lugar” (MENESES, 2010, p. 45). Mas é enfática ao afirmar que não há um romantismo cego genuíno no processo de significação da televisão, só que é forçoso se atentar ao local, respeitando a cultura e história do lugar, adicionando isso na programação e no conteúdo.

Ao promover o debate sobre regionalização da televisão é importante discorrer conceitos que definem ‘localidade’ a partir de aspectos geográficos, políticos, sociais e culturais. Para Gonçalves (2020), um território segue um processo constante de mudanças a partir da ação humana e isso faz com que haja uma adaptação de necessidades que irão surgindo como “vontades, que podem ser desde cortar uma árvore que será usada como lenha, construir estradas, plantar alimentos para consumo próprio e venda, ou até mesmo a construção de prédios para moradia” (GONÇALVES, 2020, p. 17).

A história da própria televisão brasileira se inicia localmente (BAZI, 2016) depois da inauguração da TV Tupi de São Paulo. O transmissor gerava conteúdo para um raio de não mais que 100 quilômetros na década de 1950. A partir da década seguinte, com a importação do videoteipe, foi possível expandir para outros estados e cidades menores. Em um primeiro momento constatou-se que a interiorização da televisão não buscava produção

de conteúdo local, e sim interesse mercadológico com a exploração de uma nova clientela e a inserção de propagandas publicitárias antes não presentes nas pequenas cidades (PERUZZO, 2005).

Seguindo esse pensamento, Lima (2010) reforça que quando as empresas de comunicação investem em mídias regionais, elas também estão focadas nos anunciantes daquela região. E acaba se tornando uma via de mão dupla, já que ao anunciar localmente o mercado também pode receber uma resposta mais rápida do consumidor. “Em cidades pequenas, quando se divulga uma oferta pela manhã, geralmente as prateleiras à tarde já estão esvaziadas” (LIMA, 2010, p. 232).

Bazi (2001) ainda reforça que a TV regional tem o papel de levar ao telespectador uma produção de conteúdo local que o auxilie a pensar globalmente. A emissora deverá “desenvolver conceitos e textos que expliquem as ligações entre as comunidades locais e os sistemas mais amplos” (BAZI, 2001, p. 12).

Essa ligação se torna obrigatória a partir da tese de laço social fundamenta pelo pesquisador francês, Wolton (2004) ao medir a força que tem a televisão. “(...) o espectador, ao assistir à televisão, agrega-se a esse público potencialmente imenso e anônimo que a assiste simultaneamente, estabelecendo assim, como ele, uma espécie de laço invisível” (WOLTON, 2004, p. 124). O autor complementa dizendo que a televisão promove um conhecimento comum ao mesmo tempo. “É [...] um duplo laço e uma antecipação cruzada. ‘Assisto a um programa e sei que outra pessoa o assiste também, e também sabe que eu estou assistindo a ele’” (WOLTON, 2004, p. 124).

Mas existe um segundo sentido que Wolton (2004) faz questão de destacar. A televisão, na afirmação dele, é o reflexo da sociedade. Para o autor, a televisão fortalece a formação de um telespectador mais ativo, deixando de lado a passividade, a partir do momento que o conhecimento adquirido com ajuda da televisão, o auxiliará na formação de suas próprias opiniões. “Ora, não só a televisão não engendra a passividade, como, pelo contrário, desenvolve o senso crítico, pois ao se dirigir a todos, obriga todo mundo a estar à altura de um determinado olhar” (WOLTON, 2004, p. 125). E faz críticas para quem se propõe a colocar a televisão como responsável por uma standardização.

Ao assumir que adora a televisão e tudo o veículo é capaz de mobilizar Wolton (2004) a eleva como “um dos símbolos mais espetaculares da democracia de massa e constitui, sem dúvida, uma das razões de estar investida de todas as esperanças, sem capaz de satisfazê-las” (WOLTON, 2004, p. 11).

PONTUANDO PERCURSO HISTÓRICO DA TELEVISÃO NO BRASIL

Foram várias fases de testes, até que no dia 18 setembro daquele mesmo ano, durante a inauguração da então PRF-3 TV Difusora – que depois passou a se chamar TV Tupi – ocorreu a primeira transmissão, pelo canal 3, a partir do modelo desenvolvido nos Estados Unidos na década de 1940 com imagens em preto e branco. A estreia da emissora pioneira da América Latina foi compartilhada com poucos. Havia, na época, apenas duzentos aparelhos distribuídos em praças e vitrines de lojas no centro de São Paulo. O alcance do sinal também era limitado: cem quilômetros (KNEIPP, 2008).

A estreia foi tumultuada, com atraso e a base do improvisado. Uma das câmeras instaladas nos estúdios no Palácio do Rádio quebrou e o técnico, norte-americano – que cuidava dos equipamentos – não estava no local. Os telespectadores tiveram que aguardar 40 minutos até que a ‘TV na Taba’ entrasse para a história como o primeiro programa transmitido ao vivo por uma emissora de TV. O espetáculo, que teve duas horas de duração, foi comandado por Cassiano Gabus Mendes, com direção artística de Dermival Costa Lima e contou com artistas como Mazzaropi, Walter Forster, Lia de Aguiar, Hebe Camargo, Lima Duarte, Wilma Bentivegna, Lolita Rodrigues, entre outros – “estava dada a largada! A TV brasileira era uma realidade” (PATERNOSTRO, 1999, p. 29).

Segundo Silva (2011), na época a programação da TV Tupi de São Paulo era exclusivamente noturna, começando “a partir das 20 horas e o telejornal não tinha um horário certo para ser veiculado, pois dependia da programação a ser exibida antes”. Silva lembra que todos os programas eram ao vivo, porque ainda não existiam cassetes e videoteipes (SILVA, 2011).

A segunda emissora foi inaugurada em 1951 na cidade do Rio de Janeiro, também pertencente às empresas de Chateaubriand. A partir daí outros grupos de radiodifusão passaram a fazer parte do mercado, surgindo a Rádio Televisão Paulista e a TV Record de São Paulo, entre outras. Ao final de 1959 o Brasil contava com seis emissoras de televisão, com 80 mil aparelhos de recepção instalados para captar o sinal (JAMBEIRO, 2001).

No livro *A TV no Brasil do século XX* o escritor Othon Jambeiro descreve que todos os aparelhos de TV que eram usados eram importados e de elevado custo, conseqüentemente, os principais telespectadores integravam as elites econômicas. Para atender o público, os primeiros canais “mostravam adaptações de *Shakespeare - Hamlet, Macbeth* - e *Dostoievski - Crime e Castigo* - entre outras obras primas, além de balé e música clássica”. Segundo o autor, a partir da metade dos 50 as emissoras passam a exibir programas de auditório, introduzindo a música popular brasileira e de seus intérpretes. De

acordo com o autor, essa fase seguia mesma linha histórica do rádio, que atendia a burguesia e só depois altera a programação para atingir a grande massa. Nas duas situações o público inicial era definido por quem conseguia pagar o valor do aparelho usado para recepcionar o sinal. No caso da TV a mudança de programação foi mais fácil ainda, vez que a maioria esmagadora dos profissionais que lá estavam tinham vindo de emissoras de rádio (JAMBEIRO, 2001). O foco das emissoras, portanto, era de adaptar para a televisão, alguns dos programas de rádio, mas para Kneipp (2008), a linguagem pouco se diferenciava. Nos anos 50, quando a tevê foi implantada no Brasil, o que havia era a utilização da linguagem radiofônica, por um veículo que tinha imagens a acrescentar ao texto lido pelos locutores (KENEIPP, 2008).

Jambeiro (2001) relata que antes de renunciar à Presidência da República, Jânio Quadros, estabelece a censura prévia na programação das emissoras de rádio e TV, através do decreto 51.134, de três de agosto de 1961, estabelecendo que o programa precisava ser decente e não conter cenas que remetesse a atos cruéis, preconceituosos ou sensacionalistas. O texto do decreto também destacava que não era permitida a “a apresentação de artistas em trajes menores, ou de maiôs, e, ainda que se tratasse de propaganda comercial, a apresentação de peças íntimas femininas” (JAMBEIRO, 2001).

Estima-se que na década de 1960 o número de televisores se aproximava de 700 mil, espalhados pelo país, quando já havia a fabricação dos aparelhos de TV com transistores¹, componente eletrônico que substituiu as válvulas eletrônicas, utilizando menos energia e de menor custo de produção na época.

O fundador e responsável pela chegada da televisão ao Brasil – Assis Chateaubriand – morreu no dia 4 de abril de 1968, de colapso nervoso. Chatô criou e dirigiu a maior cadeia de imprensa do país: foram 34 jornais, 36 radioemissoras, 18 estações de televisão, uma agência de notícias, uma revista semanal (O Cruzeiro), uma mensal (A Cigarra), várias revistas infantis e uma editora (SANTOS, 2015). Kneipp (2008) lembra que durante o funeral, o diretor do MASP² e amigo há mais de duas décadas, Pietro Maria Bardi, colocou perto do caixão uma tela com a imagem de uma mulher nua, um retrato de dois cardeais e ainda a imagem de um inquisidor espanhol. Depois de questionado, Bardi disse que os quadros representavam uma homenagem daquilo que o amigo mais amou na vida: o poder, a arte e mulher pelada.

¹ TRANSITOR. Disponível em <https://mundoeducacao.uol.com.br/fisica/transistor.htm> Acesso em 05 jul 2021.

² MASP – Museu de Arte de São Paulo.

A CHEGADA DA TV NO CERRADO

Não demorou muito para que as emissoras de TV buscassem retransmitir o sinal para o maior número de cidades possível. E apesar de controlar o que seria veiculado ou publicado na imprensa, o regime militar, que vigorou entre os anos de 1964 e 1985, ajudou nesse processo. Para Leal (2009), ao adotar a postura de integração nacional, com um governo focado para defender a segurança nacional e o desenvolvimento nacional baseados na industrialização e no crescimento econômico, os veículos de comunicação eram usados como porta-vozes oficiais do governo. Mais um motivo para facilitar a expansão desses meios.

A ditadura militar contribuiu para o impulso no desenvolvimento da TV no Brasil, ao criar vários órgãos estatais que lidavam com a produção cultural, ao formular leis e decretos, ao congelar as taxas dos serviços de telecomunicação, ao dar isenção das taxas de importação para compra de equipamento, ao proporcionar uma construção de uma estrutura nacional de telecomunicações em redes e ao fazer uma política de crédito facilitado (LEAL, 2009, p. 8).

O Regime Militar oferecia incentivos fiscais para os empresários que investissem na Região Amazônica. E, segundo Santos (2015), foi assim que a Organização Jaime Câmara, atual Grupo Jaime Câmara, decidiu levar a TV Anhanguera ao antigo Norte goiano, hoje Tocantins. A TV Anhanguera foi fundada em Goiânia, em 1963, e se tornou uma das primeiras emissoras afiliadas da Rede Globo de Televisão.

A expansão começou por Araguaína, a maior cidade da região, distante cerca de 1.200 quilômetros da capital goiana. Mas a implantação da TV foi cercada de desafios, já que, na maioria dos municípios, não havia uma rede de energia permanente e a ligação de uma ponta a outra do Estado de Goiás, era literalmente na terra, já que a Belém-Brasília, BR-153, não era asfaltada (SANTOS, 2015).

Mesmo com as condições adversas, Santos (2015) constatou que o jornalista e empresário deu início nas tratativas de instalação da antena para retransmitir o sinal da TV Anhanguera em Araguaína. A iniciativa, de expandir o sinal da emissora pela região isolada, do antigo Norte goiano, contou com o apoio de políticos, que não economizavam nas homenagens públicas e discursos empolgados, como o que ocorreu na inauguração da mais nova sede da OJC em Araguaína. Segundo reportagem do ‘O Popular’ (1976), a solenidade contou com a participação do Secretário Geral de Radiodifusão do Ministério das Comunicações – Lourenço Scherad e da Diretora Substituta Regional do Dentel,

Messias Joselina Curado que fez um pronunciamento de exaltação ao empresário Jaime Câmara.

É necessário exaltar o homem que ativamente, no dia-a-dia (sic), participa do progresso e cultura da Pátria. A exaltação faz-se necessária não comente como termo de reconhecimento, mas também, para estímulo, pois que o homem civilizado tem o dever de reconhecer e valorizar o trabalho do outro homem, principalmente este trabalho que ora festejamos, pela comunicação que vai prestar um dos maiores benefícios à comunidade do norte Goiano. Em nome da Diretoria do Dentel em Goiânia, temos a grata satisfação de passar às mãos da Organização Jaime Câmara, a licença para funcionamento de Retransmissora da TV Anhanguera em Araguaína (O POPULAR, 1976³).

A emissora entrou oficialmente no ar no dia 10 de dezembro de 1976, uma sexta-feira, levando o sinal para sete cidades do extremo norte goiano, além de duas no Maranhão, com uma programação gravada na capital, Goiânia, e com imagens coloridas para cerca de três mil receptores (O POPULAR, 1976).

A mais recente retransmissora do Canal 2, em Araguaína, foi equipada com o que havia de mais moderno na época, em prédio próprio, com torre e antenas de alto ganho. A tecnologia era capaz de levar som e imagens para as cidades de Colinas de Goiás (hoje, Colinas do Tocantins), Axixá (do Tocantins), Tocantinópolis, Araguanã, Guaraí, Wanderlândia, Filadélfia e ainda Carolina e Porto Franco, ambos os municípios do estado vizinho, Maranhão. Ainda na fase de testes da TV Anhanguera em Araguaína houve uma grande vendagem de aparelhos a cores e preto e branco na cidade.

Apesar de enaltecido o pioneirismo, aquela não teria sido a primeira retransmissora de Araguaína. Santos (2015) afirma que um grupo de entusiastas da televisão, formado por moradores nortistas de várias cidades, criou a comissão pró-TV, e arrecadou dinheiro e até um carro zero, para ir à São Paulo comprar equipamentos suficientes para montar cinco torres, cada uma com trinta metros de altura, além de baterias, carregadores e motores que pudessem gerar energia em cinco cidades, incluindo Araguaína. As repetidoras recebiam a programação que era gravada em fitas em Imperatriz, no Maranhão, e enviadas diariamente por ônibus interestaduais.

Em Araguaína a torre foi erguida na Avenida Cônego João Lima na estação que foi apelidada com o nome da cidade – TV Araguaína, mas não durou muito tempo. Nem chegou a ser autorizada pelo Governo Federal pois, segundo seus articuladores, o processo

³ Trecho do discurso da Diretora Substituta Regional do Dentel, Messias Joselina Curado extraído da reportagem ‘Canal 2 de Araguaína já chega a 9 cidades’, publicada em O Popular, Goiânia, de 14 de dezembro de 1996, p. 6)

de concessão foi barrado com a chegada do Grupo Jaime Câmara (SANTOS, 2015). Na época, Santos (2015) destacou que os padrões de administração das emissoras brasileiras seguiam normas americanas e metade das programações era feita de filmes estrangeiros. A retransmissora exibia programas copiados de uma emissora maranhense e mesmo assim despertou interesses de políticos locais e nacionais, como o Senador Benedito Ferreira, conhecido como Benedito Boa Sorte, mas essas mesmas lideranças, incluindo o Senador, passaram a apoiar o empresário Jaime Câmara que contara com quase dez anos de experiência no ramo da comunicação, incluindo a concessão de um canal de TV.

A expansão do Canal 2 chegou a Gurupi, até então cidade localizada na região Centro Norte de Goiás e com projetos de expansão do sinal. Em 1978, a partir da formação do Consórcio de Televisão Médio Norte Goiano, uma iniciativa das prefeituras de Paraíso do Norte (atual Paraíso do Tocantins), Cristalândia, Pium e Porto Nacional foram anunciadas medidas para que o som e a imagem da TV Anhanguera Canal 2 chegassem até a essas cidades. O investimento foi orçado em Cr\$ 2.601.788,00 (dois milhões, seiscentos e um mil e setecentos e oitenta e oito cruzeiros), desse total, Cr\$ 910.968,00 (novecentos e dez mil e novecentos e sessenta e oito cruzeiros) seriam destinados para a compra de equipamentos. O restante seria aplicado nas obras de infraestrutura de acessórios de transmissão de TV, e de energia e custos de instalação⁴.

Em junho daquele mesmo ano o Canal 2 já podia ser acompanhado pelos moradores de Porto Nacional, Cristalândia, Pium, Paraíso do Norte (do Tocantins) e Brejinho de Nazaré. A chegada do sinal nessas cidades rendeu homenagens do Poder Legislativo do Estado de Goiás. A Assembleia Legislativa, através do requerimento do deputado Wilton Cerqueira e dos parlamentares Juracy Teixeira e Antônio Pereira, fez menção honrosa para o empresário Jaime Câmara.

Apesar de representar um marco histórico e de grande importância para uma população que vivia no isolamento, o progresso e crescimento da chegada da TV Anhanguera, também atendia interesses políticos e trocas vantajosas. Santos (2015) afirma que para o então prefeito de Araguaína, João Ribeiro, a televisão proporcionaria oportunidades de veiculação de propaganda política, divulgação de projetos da prefeitura (SANTOS, 2015), permutando dividendos do Paço Municipal em troca de ações publicitárias televisivas das ações do poder público municipal.

No início da década de 1980 a Organização Jaime Câmara manteve os investimentos na ampliação e melhoramento do sinal transmitido pelo Canal 2 em

⁴ MÉDIO Norte verá a Copa pelo Canal 2, Jornal O Popular, Goiânia, 29 jan. 1978, p. 4.

Araguaína e em Gurupi com a assinatura dos contratos de concessão para as duas emissoras: TV Anhanguera de Araguaína e TV Rio Formoso de Gurupi, que deixaram de ser repetidoras e passaram a ser geradoras. As duas concessões foram outorgadas pelos decretos presidenciais 87.534 e 87.535, assinados dia 30 de agosto de 1982. O anúncio, conforme relatado pelo O Popular (1982), ocorreu em uma cerimônia presidida pelo ministro Haroldo Corrêa de Matos, que afirmou que aquele momento era demonstração pública e cabal de confiança do presidente João Figueiredo na Organização Jaime Câmara.

Jaime Câmara Júnior, filho de Jaime Câmara, na oportunidade, anunciou que as emissoras de Goiânia, de Gurupi e de Araguaína seriam ligadas ao satélite e revelou o esforço empreendido da OJC para expandir as atividades ao extremo norte do Estado integrando Goiás, pelas telas da TV. A íntegra do discurso foi publicada na reportagem ‘TVs de Araguaína e Gurupi têm contrato’, no O Popular, de 20 de outubro de 1982, página 9.

Prezados amigos: sete anos estive aqui neste Ministério participando de uma reunião que tinha como tema a retransmissão de televisão ao longo da Belém-Brasília, especificamente no trecho em que essa estrada corta o Estado de Goiás. [...] O enfoque dado era o de que se devia aproveitar a estrutura da Embratel na ‘retransmissão’ de sinais, compartilhando-se entre as redes a sua repetição. Era fácil perceber que a Televisão Anhanguera não teria a menor condição de levar o seu sinal ao longo do Estado se tal situação ocorresse. Dias antes desta reunião o Sr. Jaime Câmara visitava no extremo norte do Estado, em companhia do então Governador Leonino Caiado, a cidade de Araguaína, e voltara entusiasmado com a possibilidade de colocar ali o sinal da Televisão Anhanguera. Uma região que, por incrível que pareça, praticamente não recebia sequer sinais de rádio, uma vez que somente emissoras de ondas curtas de alta potência eram ouvidas e estas, na maioria, eram estrangeiras (O POPULAR, 1982, p. 9⁵).

Ainda durante o discurso, o presidente da TV Rio Formoso, Jaime Câmara Júnior, enfatizou as dificuldades de acesso e os custos financeiros para transportar o sinal a uma distância de 1.200 quilômetros entre a capital Goiânia e a cidade de Araguaína, localizada no Norte do Estado. Na época estavam sendo experimentadas as repetidoras assíncronas, que funcionavam com vídeo cassetes e com a programação defasada em alguns dias da estação geradora. Apesar disso, disse que assumiu um compromisso de entregar e atender as regiões Centro-Oeste e Norte, prestando um serviço de qualidade.

Diante deste quadro, dissemos ao doutor Romulo que a Televisão Anhanguera se comprometia a atender sozinha toda a região norte e

⁵ Trecho do discurso do presidente da TV Rio Formoso publicado na reportagem TVs de Araguaína e Gurupi têm contrato, em O Popular, Goiânia, de 20 de dezembro de 1982, p. 9.

centro-oeste do Estado, garantindo um serviço de boa qualidade. Sabíamos que estávamos assumindo um trabalho hercúleo que demandava não somente dinheiro e tempo, mas também know how de um serviço do qual tínhamos pouca experiência, mas que diante da expectativa da entrada de todas as redes nacionais no Estado, não podíamos fugir. Tal era o vulto do empreendimento que o doutor Romulo se assustou com a perspectiva de que nunca o realizássemos e nos pedia para que assumíssemos por escrito este compromisso. Aproveitei a oportunidade para resgatar a palavra empenhada naquela época. Quero aqui prestar uma homenagem à pessoa que colaborou intensamente com aquela fase do projeto, Dr Higino Ítalo Germani que, com sua experiência, muito nos ajudou a dar os primeiros passos. Conseguimos, finalmente, em 10 de dezembro de 1976, inaugurar aquela que seria a estação pioneira de retransmissão não simultânea no Estado de Goiás. Não sem percalços, dos quais é testemunho o nosso professor Lourenço. Mas a ideia vingou e um ano mais tarde, a 20 de dezembro de 1977. Já podíamos contar com a estação de Gurupi. Nestes seis anos, o trabalho não parou. Araguaína e Gurupi se transformaram em Pólos de Comunicação. Hoje o sinal de Araguaína é distribuído a mais de 12 municípios com um total de mais de 500 quilômetros de enlaces implantados. Gurupi já conta com mais de 800 quilômetros de links e atende a quase 30 municípios do médio norte goiano. Com a colocação no ar do sistema da Televisão Tocantins, no início deste ano, posso dizer que cumpriremos a promessa feita em 1975, ligamos o Estado de Goiás de ponta a ponta (O POPULAR, 1982, p. 9⁶)

O discurso encerrou falando dos avanços de expansão da Organização Jaime Câmara através das estações da TV Anhanguera de Goiânia, da TV Tocantins de Anápolis, e agora da TV Rio Formoso de Gurupi e TV Anhanguera de Araguaína, que passavam a contar com 2.500 quilômetros de links em VHF sendo transmitidos, a partir do dia 30 de outubro de 1982 via satélite interligando Goiânia, Gurupi e Araguaína e integrando a população destas regiões à era da comunicação.

A MULTIPLICAÇÃO DAS ANTENAS DE TRANSMISSÃO PELO TOCANTINS

A região que passou a ter opções de canais com o passar dos anos recebendo novos investimentos na área da mídia televisiva. A TV Brasil Central, afiliada à Rede Bandeirantes, que pertencia ao Governo do Estado de Goiás – através do Consórcio de Empresas de Radiodifusão e Notícias do Estado - CERNE, foi instalada no início de 1982 e contava com retransmissoras em Araguaína e em Gurupi. Depois da criação do Tocantins surgiu a Companhia de Comunicação do Estado do Tocantins – COMUNICATINS.

De acordo com Rocha, Soares e Araújo, (2014) a Comunicatins era uma empresa de direito privado, com economia mista, tendo o Governo do Tocantins, como principal acionista. Em 1996, a emissora se transformou em autarquia e passou a se chamar Instituto

⁶ Idem anterior.

Dom Alano, atuando com a Universidade do Tocantins – UNITINS com a finalidade de explorar a prestação de serviços de Rádio e TV, mas a falta de recursos provocou uma nova mudança.

No ano seguinte, devido à falta de recursos e objetivando regularizar legalmente o serviço de radiodifusão sob a tutela do Estado, o Instituto é transformado na Fundação Unitins, autarquia com autorização para executar o serviço com fins educativos. Este processo gerou a Rádio Palmas 96,1 FM, que entrou no ar em 2000 em caráter experimental; e a TV Palmas, com transmissões a partir de 2003, que tempos depois passou a se chamar Rede Sat e mais recentemente TVE Tocantins. Ampliando o arco regional, a TV estatal tem sinal captado por 10 municípios maranhenses limítrofes, como Porto Franco (TV Difusora) e Imperatriz (TV Nativa) (ROCHA; SOARES: ARAÚJO, 2014, p. 175).

Em janeiro de 2019 o Governo do Estado determinou a suspensão das atividades da TVE Tocantins, incluindo produção local, como os telejornais e exibição de programas terceirizados, e reiniciou contratos de servidores, transferindo equipamentos e a estrutura da emissora, mais uma vez, para Unitins com fins educativos (G1 TOCANTINS, 2019)⁷. A medida foi alvo de protestos de funcionários e comunicadores e contou com ampla divulgação na imprensa (JORNAL DO TOCANTINS, 2019)⁸. No mês seguinte o Governo assinou um contrato com a TV Cultura (TV CULTURA, 2019)⁹, que passou a retransmitir o sinal pelo canal 13.1. O acordo garantiu a expansão do alcance da TV pública paulista para mais 350 mil telespectadores, de oito municípios tocantinenses que antes não tinham acesso ao canal.

Outras emissoras não tiveram o mesmo desfecho e acabaram encerrando as atividades em definitivo por diversos motivos. O Sistema Mosaico¹⁰ da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel) informa que a TV Girassol de Gurupi, afiliada da Band, fechou as portas em 2015. Isso aconteceu depois de uma ordem judicial de reintegração de

⁷ TV Pública do Tocantins não terá mais programação local; Rádio continua funcionando. *In: G1 Tocantins*. [S. l.], 2 jan. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2019/01/02/tv-publica-do-tocantins-nao-tera-mais-programacao-local-radio-continua-funcionando.ghtml>. Acesso em: 15 fev. 2020.

⁸ SERVIDORES Públicos fazem protestos pela permanência da RedeSat, *Jornal do Tocantins*. *In: Jornal do Tocantins*. [S. l.], 3 jan. 2019. Disponível em: <https://www.jornaldotocantins.com.br/editorias/noticias/servidores-p%C3%BAblicos-fazem-protesto-pela-perman%C3%Aancia-da-redesat-1.1697916>. Acesso em: 15 fev. 2020.

⁹ TV Cultura afilia-se com a TV Educativa de Tocantins. *In: TV CULTURA*. [S. l.], 22 fev. 2019. Disponível em: https://tvcultura.com.br/acontece/808_tv-cultura-afilia-se-com-a-tv-educativa-de-tocantins.html. Acesso em: 15 fev. 2020.

¹⁰ O Sistema Mosaico é uma plataforma com vários módulos voltados aos diversos serviços de telecomunicações e radiodifusão. O módulo Sistema de Cadastro de Radiodifusão (SCR) é utilizado para manutenção de cadastros de estações de radiodifusão. Os únicos serviços não contemplados pela ferramenta são Ondas Curtas (OC), Ondas Tropicais (OT) e Radiodifusão Comunitária (RADCOM). Disponível em: https://www.mctic.gov.br/mctic/opencms/comunicacao/SERAD/radiofusao/Sistemas/radiodifusao_sistemaMosaico.html. Acesso em: 15 fev. 2020.

posse (ATITUDE TOCANTINS, 2015)¹¹. Na decisão, o juiz Pedro Nelson de Miranda Coutinho, da 3.^a Vara Cível da Comarca de Palmas, determinou a emissora a restituir bens, incluindo painéis de antena e transmissores por descumprimento de acordo contratual. Após isso a emissora foi arrendada para a Igreja Mundial do Povo de Deus, passando a repetir a programação da Rede Mundial.

Já o sinal da TV Record chegou a capital do Tocantins em 1993 pela TV Lajeado e em 2007 passou a ser transmitido pela TV Jovem, por meio do canal 7 VHF¹², investindo em telejornalismo ao dar início a produção do Balanço Geral¹³, com informações jornalísticas e entretenimento, conforme o padrão da Rede Record. Em 2019 a TV Jovem Palmas anuncia investimento em estrutura técnica e de pessoal após ser vendida para o técnico de futebol, Wanderley Luxemburgo¹⁴, com foco em notícias comunitárias.

A atualmente a grade da emissora conta com o Balanço Geral Manhã, entre às 07h15 e 09h, o Balanço Geral, que vai ao ar entre 11h50 e 13h30, e o Cidade Alerta Tocantins, das 17h57 às 19h. Os três programas são exibidos de segunda à sexta com abrangência para oito municípios, além da capital: Araguaína, Arapoema, Colinas do Tocantins, Couto Magalhães, Formoso do Araguaia, Gurupi, Paraíso do Tocantins e Tocantinópolis.

Ao estudar a trajetória da chegada das emissoras de TV no Tocantins, Reis e Rocha (2018) descreve que ao ser criada no ano de 2000, a TV Jovem se chamava TV Jovem Palmas, transmitindo o sinal do SBT, pelo canal 11. Sete anos depois a empresa perde a concessão e fica fora do ar por oito meses, retornando no dia sete de dezembro do mesmo ano, como afiliada da Rede Record. Já a transmissão do SBT, passa pelas mãos de outras três empresas até que em 2020, o Grupo Norte de Comunicação assume a operação do SBT

¹¹ TV Girassol, retransmissora da Band, encerra produção local em Gurupi. In: **Atitude Tocantins**. [S. l.], 26 maio 2015. Disponível em: <http://www.atitudeto.com.br/depois-de-palmas-band-encerra-producao-local-em-gurupi/>. Acesso em: 15 fev. 2020.

¹² TV JOVEM Palmas: o jornalismo comunitário com qualidade. In: RecordTV, TV Jovem Record TV Emissoras, 22 nov 2019. Disponível em: <https://recordtv.r7.com/recordtv-emissoras/norte/tv-jovem/tv-jovem-palmas-o-jornalismo-comunitario-com-qualidade-21072020>. Acesso em 07 fev 2021.

¹³ SAIBA mais sobre o programa Balanço Geral SP. In: RecordTV, Balanço Geral, 01 jul 2020. Disponível em: <https://recordtv.r7.com/balanco-geral/saiba-mais-sobre-o-programa-balanco-geral-sp-11042021>. Acesso em 22 nov 2020.

¹⁴ TÉCNICO Wanderley Luxemburgo investindo na comunicação segue movimentando o cenário jornalístico tocantinense. In: RecordTV, TV Jovem Record TV Emissoras, 22 nov 2019. Disponível em: <https://recordtv.r7.com/recordtv-emissoras/norte/tv-jovem/tecnico-wanderley-luxemburgo-investindo-na-comunicacao-segue-movimentando-o-cenario-jornalístico-tocantinense-22102019>. Acesso em 22 nov 2020.

no Tocantins¹⁵ mantendo os jornalísticos ‘O Povo na TV, entre 12h e 13h e o Jornal Notícias Tocantins, das 19h15 às 19h40 (REIS; ROCHA, 2018).

Em 2008 o Grupo Bandeirantes inaugurou em Palmas a primeira emissora própria na região Norte do país (CONEXÃO TOCANTINS, 2008)¹⁶. A Band Tocantins era comandada pelo jornalista Fernando Hessel e foi precedida pela TV Palmas, pela TV Javaés e pela TV Girassol. Porém, em 2015 a emissora foi fechada passando a retransmitir a programação da rede (REIS; ROCHA, 2018).

A RedeTV Tocantins, afiliada da RedeTV! em Palmas é instalada em 14 de março de 2019, transmitindo o sinal digital pelo canal 29 UHF. Já a Tocantins TV foi a primeira emissora de televisão do Tocantins exclusivamente online, a partir de 2016. Reis e Rocha (2018) aponta que a emissora exibe conteúdos gravados e realiza transmissões ao vivo a partir de uma página no Facebook, fazendo uso de tecnologia que possibilita ao internauta a visão de uma imagem em 360 graus.

Segundo o Sistema Moisaico da Anatel, desde que foi criado o Estado do Tocantins, pelo menos oito emissoras deixaram de existir em Palmas: TV Javés, TV Real, TV Central, TV Cristal, TV Lajeado, TV Serra do Carmo, Band Tocantins e TV Graciosa.

Quadro 1. Emissoras que contavam com programações locais e que encerraram as atividades em Palmas.

EMISSORA	CANAL	AFILIADA	PERÍODO
BAND TOCANTINS	4	BAND	2008-2015
TV CENTRAL	5	RECORDTV	2006
TV CRISTAL	5	REDETV!	2000-2007
TV GRACIOSA	4	TV GAZETA	2016-2018
TV JAVAÉS	7	TV BANDEIRANTES	1992-1997
TV LAJEADO	2	RECORDTV	1993-2007
TV REAL	5	SBT	1992-2000
TV SERRA DO CARMO	9	CNT-GAZETA	1993-2007

Fonte: Anatel

Muitas emissoras de TV também surgiram no interior sem nenhuma ligação com Palmas. Na cidade de Colinas do Tocantins, a 278 quilômetros de distância da capital, o radialista Valmir de Freitas e o fazendeiro Wellington Luis de Farias, fundaram, em 2009,

¹⁵ GRUPO Norte de Comunicação compra sociedade e assume operações do SBT no Tocantins. Conexão Tocantins. Disponível em <https://conexaoto.com.br/2020/10/27/grupo-norte-de-comunicacao-compra-sociedade-e-assume-operacoes-do-sbt-no-tocantins>. Acesso em 07 fev 2021.

¹⁶ GRUPO Bandeirantes inaugura nesta quarta em Palmas nova emissora: a Band Tocantins. Conexão Tocantins. In: **Conexão Tocantins**. [S. l.], 22 out. 2008. Disponível em: <https://conexaoto.com.br/2008/10/22/grupo-bandeirantes-inaugura-nesta-quarta-em-palmas-nova-emissora-a-band-tocantins>. Acesso em: 15 fev. 2020.

a TV Colinas (A PÚBLICA, 2017)¹⁷, afiliada do SBT, que chegou a ser fechada em 2012 por não estar de acordo com as determinações da Anatel. A TV Colinas voltou ao ar em 2015, dessa vez afiliada da Rede Record. Em Gurupi o empresário Silvério Maciel Filho fundou em 2006, a SILTV (SILTV, 2006)¹⁸, emissora ligada à RedeTV. Nove anos depois a emissora passou a transmitir o sinal da Band.

Mas é a cidade de Araguaína, segundo a Anatel, onde mais se concentram emissoras de canais abertos de TV no Estado do Tocantins, com programação local. São dez emissoras: Rede Mundial (TV Mundial), TV Jovem Araguaína (RecordTV), TV Araguaína (TV A Crítica), TV Rio Lontra (SBT), TV Anhanguera (Globo), TVE TOCANTINS (TV Brasil), Rede Vida Educação (Rede Vida), Rede Líder (RedeTV), TV Cidade (TV Cultura) e TV Canção Nova (Canção Nova). A consulta à lista de emissoras é pública realizada através do site da agência¹⁹.

Quadro 2. Emissoras locais que transmitem canal aberto em Araguaína.

EMISSORA	RAZÃO SOCIAL	CANAL	AFILIADA
REDE MUNDIAL	SISTEMA DE COMUNICAÇÃO RIO BONITO LTDA.	2	REDE MUNDIAL
TV JOVEM ARAGUAÍNA	SISTEMA DE COMUNICAÇÃO DO TOCANTINS S/A	6	RECORD TV
TV ARAGUAÍNA	BOA SORTE RÁDIO E TELEVISÃO LTDA.	7	TV A CRÍTICA
TV RIO LONTRA	RIO LONTRA RÁDIO E TELEVISÃO LTDA.	9	SBT
TV ANHANGUERA	TV ANHANGUERA DE ARAGUAÍNA LTDA.	11	TV GLOBO
TVE TOCANTINS REDESAT	UNIVERSIDADE ESTADUAL DO TOCANTINS	13	TV BRASIL
REDE VIDA EDUCAÇÃO	TELEVISÃO INDEPENDENTE DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO LTDA	16	REDE VIDA
REDE LÍDER	TELEAMA-TELEDIFUSÃO DA AMAZONIA LTDA	20	REDETV!
TV CIDADE	SB-EMPREENDEMENTOS DE COMUNICACAO S/C LTDA	26	TV CULTURA
TV CANÇÃO NOVA	FUNDAÇÃO JOÃO PAULO II	32	CANÇÃO NOVA

Fonte: Anatel.

¹⁷ A TV que se enredou com os políticos. In: **A PÚBLICA ORG.** [S. 1.], 2017?. Disponível em: <https://apublica.org/tvsdaamazonia/colina-do-tocantins-a-tv-que-se-enredou-com-os-politicos>. Acesso em: 16 fev. 2020.

¹⁸ Sobre Nós. In: **SILTV.** Gurupi, 2006. Disponível em: <http://siltv.com.br/sobre-nos/>. Acesso em: 16 fev. 2020.

¹⁹ MOSAICO: Canais de Radio Difusão. Disponível em <http://sistemas.anatel.gov.br/se/public/view/b/srd.php>. Acesso em: 31 maio 2021.

As emissoras apresentadas no quadro investem em produção de conteúdo local, sejam em telejornais ou programas de entretenimento para discutir temas e assuntos de interesses diversos da população de Araguaína. Para Meneses (2010) a mídia local se constrói com base naquilo que se torna expressivo para a comunidade de determinado território.

As emissoras de TV são estruturadas pelo espaço geográfico, inclusive na definição do que seja “informação local”, mas ao mesmo tempo supera este espaço na medida em que esta proximidade pode ser definida em relação à abrangência dos públicos de interesse (MENESES, 2010, p. 63).

Alinhado ao estudo de Reis e Silva (2017), constata-se que a presença oficial da televisão no Tocantins ocorreu em meados dos anos 1970, cerca de 25 anos depois da chegada da televisão no Brasil, portanto, antes mesmo da criação do Estado, registrando todo o processo de desmembramento e dando voz àqueles que lutaram pela emancipação de Goiás. Sendo assim, destaca-se que o resgate da trajetória da televisão tocantinense revela-se uma tarefa importante de valor histórico e cultural.

REFERÊNCIAS

BAZI, Rogério Eduardo Rodrigues. **Depois da TV digital: o telejornalismo e as rotinas produtivas em uma emissora regional**. In: Revista Brasileira de Estudos de Jornalismo: Campinas: Puc-Campinas, V. 6 n.º18, 2016. P. 18-30.

BAZI, R. E. R. **TV Regional: trajetória e perspectivas**. Campinas: Alínea, 2001.

BECKER, B. Telejornalismo de qualidade: um conceito em construção. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 10, p. 51-64, dez. 2005.

GONÇALVES, K. Y. **Televisão Regional: o discurso de pertencimento da afiliada da Rede Globo “Tv Tem” no projeto “Tem Running Bauru 2019”**. 2020. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho, Bauru, 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/202645>. Acesso em: 20 jan. 2021.

JAMBEIRO, O. **A TV no Brasil do século XX**. Salvador: EDUFBA, 2001.

KNEIPP, Valquíria Passos. **Trajetoária de formação do telejornalista brasileiro**. Tese (Doutorado em Comunicação) Universidade de São Paulo, USP, Escola de Comunicações e Artes – ECA, São Paulo, 2008.

LEAL, Plínio Marcos Volponi, **Um olhar histórico na formação e sedimentação da TV no Brasil**, 7º Encontro Nacional da História da Mídia, 7ª ed, Rio Grande do Norte, 2009.

Adriano Nogueira da FONSECA; Edna de Mello SILVA. **Telejornalismo e História: a Televisão no Tocantins**. JNT- Facit Business and Technology Journal. QUALIS B1. 2021. Agosto. Ed. 29. V. 1. Págs. 3-21. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdadefacit.edu.br>. E-mail: jnt@faculdadefacit.edu.br.

LIMA, M. E. de O. **Mídia Regional: Indústria, mercado e cultura.** Natal, RN: EDUFRN, 2010.

MACHADO, A. **Televisão levada a sério.** 4ª ed. São Paulo: Senac, 2005.

MENESES, Verônica Dantas. **Cenário da programação de TV regional aberta no Brasil: desafios e perspectivas.** 2010. 362 f., il. Tese (Doutorado em Comunicação)-Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

MELLO, E. Telejornalismo e história: permanências e rupturas no fazer jornalístico. In: VIZEU, A. *et al.* (Org.) **Telejornalismo em questão.** Florianópolis: Insular, 2014.

PATERNOSTRO, V. Í. **O texto na TV: manual de telejornalismo.** Rio de Janeiro: Elsevier, 1999.

PERUZZO, C. M. K. Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências. **Comunicação & Sociedade.** São Bernardo do Campo: Póscom-Umesp, a. 26, n. 43, p. 67-84, 1o. sem. 2005.

REIS, Lys Apolinário; ROCHA, Liana Vidigal. **Televisão e Mídias Sociais: a circulação de conteúdo da emissoras do Tocantins.** In: 17º Encontro Nacional de Professores de Jornalismo, 2018, Palmas. Anais do 17º Encontro Nacional de Professores de Jornalismo, 2018.

REIS, Lys Apolinário; SILVA, Edna de Mello. **Televisão e história: uma proposta de linha do tempo da trajetória da mídia televisiva no Estado do Tocantins.** In: XI Encontro Nacional da Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia, 2017, São Paulo. Anais do XI Encontro Nacional da Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia, 2017.

REZENDE, G. J. **Telejornalismo no Brasil: Um perfil editorial.** São Paulo: Summus, 2000.

ROCHA, L. V.; SOARES, S. R.; ARAÚJO, V. T. Abrangências locais no jornalismo online do Tocantins. **Comunicação & Inovação,** São Caetano do Sul, v. 15, n. 29, p. 171-185, 2014.

SANTOS, J. S. dos. **A Sedução da Imagem: a televisão no limiar do Tocantins.** Palmas: EDUFT, 2015.

SILVA, E. M.; Alves, Y. M. Bases epistemológicas do Telejornalismo Brasileiro: do Telejornalismo Falado ao Telejornalismo Expandido. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 40, 2017, Curitiba. **Anais [...].** São Paulo: Intercom, 2010. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-1137-1.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2020.

SILVA, E. de M.; ALVES, Y. M. Telejornalismo Expandido: A Apropriação de Redes Sociais e Aplicativos pelo Jornalismo Televisivo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 39, 2016, São Paulo. **Anais [...].** São Paulo: Intercom,

Adriano Nogueira da FONSECA; Edna de Mello SILVA. **Telejornalismo e História: a Televisão no Tocantins.** JNT- Facit Business and Technology Journal. QUALIS B1. 2021. Agosto. Ed. 29. V. 1. Págs. 3-21. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdefacit.edu.br>. E-mail: jnt@faculdefacit.edu.br.

2010. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-2503-1.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2020.

SILVA, E. de M. Fases do telejornalismo: uma proposta metodológica. *In: EMERIM, C.; COUTINHO, I.; FINGER, C. (Org.). Epistemologias do telejornalismo brasileiro*. Florianópolis: Insular, 2018.

SILVA, E. de M. As imagens do Telejornal Imagens do Dia: a influência do cinejornalismo e do rádio na primeira fase do telejornalismo brasileiro. *In: Encontro Nacional de História da Mídia*, 8, 2011, Guarapuava. **Anais [...]**. Porto Alegre: Alcar, 2011. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/6o-encontro-2008-1>. Acesso em: 15 jul. 2020.

TEMER, A. C. R. P.; SANTOS, M. dos. O Brasil nas telas: uma análise da cobertura jornalística em dois suportes. **Questões Transversais: revista de epistemologias da comunicação**, v. 7, n. 13, p. 31-42, jan./jun. 2019.

TEMER, A. C. R. P. Desconstruindo o telejornal: um método para ver além da melange informativa. *In: VIZEU, A; MELLO, E; PORCELLO, F; COUTINHO, I. Telejornalismo em questão*. v. 3, Florianópolis: Insular, 2014.

VIZEU, A. O telejornalismo como lugar de referência e a função pedagógica. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 16, n. 40, p. 77-83, 2009.

WILLIAMS, R. **Televisão: tecnologia e forma cultura**. 1 ed. São Paulo: Boitempo; Belo Horizonte, MG: PUC Minas, 2016.

WOLTON, D. **Elogio do grande público: uma teoria crítica da televisão**. São Paulo: Ática, 2006.

WOLTON, Dominique. **Pensar a comunicação**. Brasília: Editora UnB, 2004.